

Resumos de Teses e Dissertações

Abstracts of Theses and Dissertations

A performatividade dos atos de fala de Freud: um estudo exploratório sobre o fazer psicanalítico*

The performativity of freudian speech acts: an exploratory study of the psychoanalytical practice

Há um mar de interpretações e de grupos constituídos com o fim de “propagar” e “defender” a interpretação “reveladora da essência” da obra freudiana. Muito se falou sobre isso, e ainda muitos se aventuram a falar. De certa forma, tornou-se difícil compor um quadro das idéias de Freud que não esteja contaminado pela escuta ativa ou passiva de todos esses comentários. Não obstante, para Freud, a melhor maneira de compreender a psicanálise seria traçar sua origem e evolução.

Seguindo esta orientação freudiana, que compreende o ponto de vista da Filosofia da Linguagem Ordinária da taxonomia das funções da linguagem (assertiva, diretiva, compromissiva, descritiva, expressiva) descritas por Searle, em sua teoria dos atos de fala, o estudo infere “performatividade” (um caráter de ato) à linguagem utilizada por Freud, no tratamento da alma (*SeelenBehandlung*).

Destarte, a partir das narrativas clínicas, as situações interlocutivas entre Freud e seus pacientes foram selecionadas e recortadas, objetivando-se a descrição e análise dos atos de fala realizados. A cronologia dos casos clínicos é considerada na qualidade de estágios do desenvolvimento do seu fazer psicanalítico. Tem-se em **Estudos sobre a histeria** o seu ponto de partida e no caso clínico **O homem dos lobos** o ponto máximo desse processo.

Por meio da análise efetiva dos “proferimentos”, chegou-se ao conjunto de funções da linguagem e se lhes desvelaram os traços distintivos, no jogo de linguagem que Freud criou e consolidou.

Sob aspectos gerais, as funções diretiva e assertiva da linguagem respondem quase que pela totalidade dos atos de fala descritos por Freud. Cronologicamente, verifica-se uma configuração descendente no que se refere à função diretiva e simetricamente ascendente da função assertiva. A partir da significação destas funções, conclui-se por duas vertentes principais dos atos de fala na psicanálise freudiana: a normativa/constitutiva e a criativa.

Na primeira vertente, a partir de um ato de fala inaugural, tanto o analista quanto o analisando se encontram sob as leis do tratamento, obrigados ao modo prescrito de suas participações. Na segunda vertente, a descrição freudiana do ser-no-mundo realiza-se dentro da forma como a linguagem “da” Psicanálise organiza a linguagem “na” Psicanálise, criando o sentido particular no qual a experiência humana se rearticula.

Sob aspectos específicos, pode-se afirmar que nos **Estudos sobre a histeria** predominam dois tipos principais de funções da linguagem: curativa e investigativa. Dois verbos ex-

* Autor: Fábio J. Miranda; Orientador: Prof. Dr. Francisco Martins – Programa de Pós-graduação em Psicologia da UnB. e-mail: fmiranda@unb.br.

pressam de forma categórica a essência da Função Curativa da linguagem: “eliminar e proibir”. A ação de perguntar é quase um ato de fala totalizante, dentre a função investigativa.

Verifica-se que o trabalho de investigação objetivava a rememoração dos fatores determinantes da origem do mal-estar ou do sintoma, e, de forma inversa, o trabalho curativo atuava na forma de uma reedição artificial do recalque, por via do que se poderia denominar uma “Repressão Terapêutica” sobre as lembranças recuperadas. A partir do caso de Miss Lucy, Freud abandonou os atos de fala que objetivavam eliminar ou contrapor pensamentos e afetos e fez permanecer apenas os que objetivavam investigar a experiência que atuou de forma traumática. O caso da Srta. Elisabeth Von R. conforma-se às características gerais do uso da linguagem no caso de Miss Lucy, mas confirma, de forma bastante definitiva, a noção de que o processo de esquecimento se transferia para o tratamento, na forma de uma resistência ao recordar.

A partir do contexto de descoberta da resistência, é possível verificar que os atos de fala de Freud moldaram-se definitivamente a outra finalidade, a interpretativa, mediando para a paciente um conhecimento sobre o que se passava com ela e que ela, no entanto, procurava ignorar. Assim, os atos de fala de Freud passam principalmente por verbos que indicam uma ação de comunicar (revelar) algo ao paciente.

Ao se desarmar do arsenal terapêutico composto por atos de fala repressivos, com o fim de proibir, dominar e eliminar as reminiscências, Freud iniciou-se no uso da ferramenta que se tornaria tecnicamente o mais poderoso lenitivo em Psicanálise, o ato de fala com função interpretativa. Esta função vai consolidar-se nos atos de fala dirigidos ao paciente com o fim de fazê-lo aceder ao sentido latente que permeava seu relato e seus comportamentos. Trazendo à luz as modalidades do conflito defensivo, a interpretação vai consolidar o trabalho de Freud como forma principal de realização da função assertiva da linguagem e um modo por excelência de seu agir.

MIRANDA, Fábio J. **A performatividade dos atos de fala de Freud**: um estudo exploratório sobre o fazer psicanalítico. 2003, 267p. (Tese, Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília.

Água e processos subjetivos*

Water and subjective processes

Esta pesquisa mapeou as mudanças que ocorreram nos processos de subjetivação ao longo da ocupação do sertão da Bahia, na região do submédio São Francisco, e mais recentemente nas comunidades rurais de Massaroca, distrito de Juazeiro. Os processos de subjetivação foram pensados como multiplicidades, que não têm uma determinação única em uma estru-

* Autora: Giovanna de Marco; orientadora: Profa. Dra. Suely Belinda Rolnik – doutorado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. e-mail: giomarco@terra.com.br.

tura a reproduzir-se em conteúdos distintos. Multiplicidades que se compõem em linhas traçadas como um mapa aberto, que podem ser conectadas em todas as dimensões, revertidas e modificadas constantemente.

Água e processos subjetivos compõem um campo problemático, no qual as questões da pesquisa produziram um percurso por uma variedade de segmentações, que atravessam a história, a literatura, a sociologia, a cultura, a política, a formação regional, a constituição das comunidades rurais de Massaroca e os processos de subjetivação nelas produzidos. Sertão, água e seca apresentaram uma diversidade conceitual que não se expressou da mesma forma nas diversas práticas sociais em que foram reproduzidas.

Os processos subjetivos daqueles que vivem na caatinga parecem conceber-se regularmente entre o verde e o seco. Dois pólos definidos entre o excesso e a escassez ou falta de água, quando se opera uma transformação que atravessa os processos subjetivos e é expressa em conceitos, costumes, sistemas produtivos, cultura, linguagem, afetos, percepção, enfim, nos modos de ser.

Em diferentes configurações históricas foi possível traçar mudanças nos processos de subjetivação. Antes de ter início a modernização, os processos de subjetivação se constituíam em articulações, que supunham um contato constante e acompanhamento de mudanças: no clima, nas plantas, no comportamento animal, etc. Uma composição do homem em que a subjetividade operava com elementos, que estariam submetidos a uma força maior, Deus, que a tudo determinava.

Novos problemas, porém, forçaram sua alteração. Foi quando uma racionalidade e uma idéia de controle e previsão passaram a se fazer presentes nas soluções experimentadas, juntamente com as mudanças na produção social da existência. A subjetividade, em outra composição, concebeu-se como sujeito numa relação com a natureza passível de ser prevista e controlada.

MARCO, Giovanna de. **Água e processos subjetivos**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003. 214p. (Tese, Doutorado em Psicologia Clínica).

Clínica e vida no trabalho com famílias*

Clinic and life in family works

Esta pesquisa tem como tema o trabalho com famílias no âmbito clínico. Nesse contexto, seu objeto de estudo é a zona de circulação de nomadismos extensivos e intensivos, que se constitui no “entre” terapêutico, nas interfaces entre terapeuta e cliente, teoria e prática. Extensivo que funciona por um regime de codificação e uniformização, correspondendo ao

* Autora: Roberta Carvalho Romagnoli; orientadora: Profa. Dra. Suely Belinha Rolnik – doutorado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. e-mail: robertaroma@uol.com.br.

que já está estabelecido nessa modalidade terapêutica, tendendo à repetição. Intensivo que abre esse mesmo campo para a dimensão das intensidades e do virtual, do absolutamente singular.

O trabalho é composto por quatro casos clínicos, examinados em capítulos distintos. Para pensar o “entre” terapêutico, em cada caso pontos são evidenciados, pontos que formam linhas que mantêm junto aquilo que a família partilha, ao mesmo tempo em que provocam ressonâncias no terapeuta. Sendo assim, os casos foram abordados de uma maneira rizomática.

Para tal foram realizadas desterritorializações da subjetividade do terapeuta e dos seus conhecimentos teóricos, e reagenciamentos desses conceitos e das sensações que emergiam no encontro com as famílias. Isso, para tentar criar um novo território clínico no qual o “entre” terapêutico pudesse ser pensado, mediante um raciocínio de imanência, e a clínica pudesse driblar o campo do extensivo e ser conduzida a variações intensivas.

A clínica é, dessa maneira, tomada como acontecimento. Acontecimento que é sempre imprevisível, produzido nos encontros, e faz as subjetividades tornarem-se diferentes. Nesse sentido, cada atendimento só é atendimento quando experimenta verdadeiramente a diferença que estala no encontro terapêutico, na história familiar, nos signos únicos e nas formas particulares de existência, como a própria vida se expressa naquele grupo, naquela família.

A subjetividade foi abordada, ao longo da tese, em sua dimensão de criatividade processual, em seu funcionamento maquínico, entendendo-a a partir de seu caráter de transversalidade. Vale lembrar que nessa perspectiva a subjetividade não se aplica apenas ao indivíduo e a seus núcleos familiares relacionais, mas é imanente a um campo social povoado de entidades incorporais, situações, acontecimentos. Sua composição é sobretudo heterogênea, sem nenhuma primazia hierárquica de qualquer componente ou determinante.

Possui ainda duas faces: uma formal, que corresponde aquela na qual o indivíduo se reconhece, e outra sensível, que corresponde à capacidade de afetar e ser afetado pelos universos cambiantes a que somos submetidos incessantemente. É no movimento da vida e na interface das subjetividades e dos universos que se localiza o deflagrar das sensações e das desestabilizações, que propiciam a abertura do sensível ao intensivo por ocasião dos encontros.

Nesse sentido, cada caso assegura um território clínico concebido como uma multiplicidade aberta a devires que nela irrompem. Em cada capítulo, efetua-se um modo rizomático de abordar essas multiplicidades, sustentando a heterogeneidade que se realiza nesses encontros. Esse enfoque aponta para a necessidade de se criar uma clínica à altura do nosso tempo, comprometida com a invenção de dispositivos que visem ao resgate das linhas processuais da subjetividade, religando clínica e vida.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **Clínica e vida no trabalho com famílias**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003. 210p. (Tese, Doutorado em Psicologia Clínica).